

*DEUS PAI E MÃE – O RITMO BINÁRIO
DO CORAÇÃO HUMANO
DEUS É MAIOR... DEUS É MAIS...*

Terezinha das Neves Cota RC

A mulher teóloga ensaia um caminho novo em nossa Igreja, um caminho que ao mesmo tempo é muito familiar às mulheres: proclamar o Mistério de Deus, sempre maior, através de nossa vida, nossa fé, nosso amor, nossa esperança, nossa resistência a toda dor, enfim, com nossa linguagem, nascida de nossas entranhas maternas, impregnada de paixão e compaixão, de encantamento e reverência face ao Mistério divino que não se prende às nossas denominações, conceitos e imagens. Definitivamente, Deus é maior, é diferente¹ das imagens traçadas por interesses e discursos manipuladores, que buscam suscitar comportamentos conformistas, alienados, violentos ou apáticos ao invés de comportamentos libertadores, conscientes, de comunhão e entusiasmo. O princípio de realidade que questiona e corrige este imaginário idolátrico é a vida de Jesus, seus ensinamentos e sua práxis libertadora nascida de sua experiência íntima com Deus Abbá.

¹ Cf. C. DUQUOC, *Dios diferente*. Ensayo sobre la simbólica trinitária. Salamanca: Sígueme, 1978, pp. 9-10.

Jesus se referiu a Deus usando também imagens femininas. Em Lc 15,8-10 está um ensinamento que fica ofuscado pela beleza da parábola precedente e sobretudo pela parábola que o segue. Até o título recebido - *A parábola da dracma perdida* - oculta o que Jesus revelou sobre a possibilidade de se falar de Deus com metáforas femininas. Central nesta parábola não é a moeda em si, mas a *mulher* que procura diligentemente algo que lhe é tão precioso, embora ainda possua outras nove moedas. A propósito, seja-me permitido mencionar uma experiência pessoal:

No dia 21 de outubro de 1995, o Grupo Mulher e Teologia, formado por alunas do CES, organizou uma manhã de encontro na Biblioteca do Parque Lagoa do Nado (Belo Horizonte). Nesta ocasião, a assessora, Ir. Irene da Silva, ASCJ, orientou um bibliodrama com o texto mencionado. Faz parte desta técnica feminista de leitura bíblica levantar questões, para que as próprias participantes encontrem as respostas. Ir. Irene começou a questionar logo após a leitura do trecho evangélico: *O que é a casa? O que representa a moeda? Quem é esta mulher?* Recordo-me que minhas colegas responderam rapidamente: *A casa é o mundo. A moeda representa cada um(a) de nós...* Mas, quanto a terceira questão houve um silêncio embaraçoso... A assessora insistiu: *Quem é esta mulher?* Uma emoção profunda tomou conta de mim e foi com lágrimas nos olhos que respondi: *É Deus!*

Deus está além de todas as analogias, que, no entanto, são necessárias para expressar seu Mistério...

Cada vez mais buscam-se imagens *equivalentes* femininas e masculinas e abandona-se a abordagem dos traços e dimensões femininas apenas, porque tal abordagem mantém e torna ainda mais atraente o enfoque androcêntrico.

O Mistério divino transcende o masculino, o feminino, a natureza, todo o universo, porém, para que a linguagem em relação a Deus seja menos inadequada e limitada precisamos de metáforas de todas estas humildes realidades para vislumbrar algo do Mistério. Imagens femininas não querem expressar uma dimensão feminina do Divino, mas Deus mesmo em toda a sua plenitude, da mesma forma que as imagens masculinas da Tradição. Deus, que criou à sua imagem o homem e a mulher, legitima esta confiante pretensão. A mulher, à procura de sua dracma perdida, é legítima referência a Deus, assim como a imagem do pastor (Lc 15, 4-6) e do pai misericordioso (Lc 15, 11ss).

Nesta gratificante tarefa de escrever sobre *Deus Pai*, tornou-se imperativo abordá-lo como *Deus Pai e Mãe*. Duas autoras traba-

lham juntas esta abordagem, com suas reflexões, Sallie McFague e Elisabeth Johnson².

Após considerarmos a fecundidade da analogia maternal para expressar o Mistério divino, abordaremos as implicações em relação a ética e a dignidade plena da mulher.

O Mistério de Deus transcende todas as imagens e conceitos, somente quando Deus for designado de forma ampla, "... quando a realidade total, tanto da mulher quanto do homem, entrar na simbolização de Deus, como também os símbolos do mundo natural, poderá ser interrompida a fixação idólatra numa única imagem; e a verdade do mistério de Deus, associada à libertação de todos os seres humanos e de todo o planeta, emergirá para o nosso tempo"³.

Deus Pai e Mãe – gerando, nutrindo e conduzindo a vida à plenitude

Em nossa Tradição prevaleceu a linguagem paternal sobrecarregada com o adjetivo "todo poderoso". Um Deus todo poderoso facilmente ofusca o pai misericordioso e exclui a linguagem maternal. Um Deus todo poderoso implica ainda uma Igreja tentada a ser igualmente poderosa.

Para Sallie McFague, a principal razão para a exclusão das metáforas femininas é que a sexualidade feminina é causa de medo e fascínio em nossa sociedade, enquanto que as metáforas masculinas a sexualidade parece estar disfarçada⁴. Superando outras resistências e distorções, o modelo maternal tem revelado seu enorme potencial.

O amor de Deus como Mãe é ágape. A metáfora maternal, assim como a paternal, fala de um amor que gera, nutre o crescimento e tem como horizonte a plenitude. Este amor de Deus Pai e Mãe, cuja atenção amorosa abrangente acompanha do nascimento à plenitude da vida, convoca-nos ao zelo com todos os milhões de seres vivos existentes no universo. Trata-se de uma metáfora que suscita a consideração sobre a origem, o sustento e a plenitude para todas as formas de vida. A experiência de gerar uma nova vida realizada pelos pais é a mais

² E. JOHNSON, *Aquela que é*. O Mistério de Deus no trabalho teológico feminino. Petrópolis: Vozes, 1996. S. McFAGUE, *Modelos de Deus*. Teologia para uma era ecológica e nuclear. São Paulo: Paulus, 1996; Idem, "Deus Mãe", *Concilium*, Petrópolis, 226 (1986) 880-886.

³ E. JOHNSON, *Op. cit.*, p. 92.

⁴ S. McFAGUE, *Modelos de Deus ... Op. cit.*, pp. 140-141.

próxima da criação, possibilita uma profunda consciência da preciosidade e da vulnerabilidade da vida como dom recebido a ser transmitido "com apreço ao seu valor e desejo de sua plenitude"⁵.

Conceber Deus como mãe é quebrar o dualismo Deus/mundo. O mundo nascido de Deus é seu corpo; assim se quebra a herança grega opressiva do espírito contra o corpo. Herança, por sinal, contraditória com as raízes hebraicas do Cristianismo. Deus Pai e Mãe, em seu profundo envolvimento com o mundo natural, gerando e sustentando a vida, está igualmente comprometido com a história humana, para que esta vida chegue à plenitude. Sem cair na tentação dos estereótipos sentimentais do modelo maternal vemos nesta autora a ênfase no essencial: gerar, alimentar, proteger e promover o pleno desabrochar de todos os seres. A grande força da analogia Deus Pai e Mãe, para a atualidade, está em sua capacidade de expressar a interdependência e a inter-relação de toda vida com sua origem e com os demais seres.

"Todos nós, homens e mulheres, temos o útero como nosso primeiro lar; todos nós nascemos do corpo de nossas mães e quase todos fomos nutridos por nossas mães. Que imagem poderia expressar melhor a realidade mais básica de nossa existência: que nós, todos nós do nosso planeta e todo o resto do universo, vivemos e nos movemos e temos o nosso ser em Deus?"⁶.

Face a tantas ameaças à vida do planeta, Deus Mãe coloca em relevo a íntima relação e interdependência de toda a vida; destaca como um imperativo a justa partilha de bens para todos; chama à atenção o valor de todos os seres, questionando o antropocentrismo excludente e superando antigos dualismos geradores de hierarquias, cuja base é a classificação superior/inferior.

A analogia Deus Mãe, ao lado da imagem paternal do Pai misericordioso, expressa bem o Deus revelado por Jesus Cristo, Deus a favor da vida e comprometido com sua plenitude.

Em uma mesma mãe, nós vivemos, nos movemos e somos

A teologia clássica deixou registrada três intuições assumidas pela teologia feminista (TF):

⁵ Idem, *Ibidem*, p. 149.

⁶ S. McFAGUE, "Deus Mãe", *Concilium* 226 (1989) 883.

— A incompreensibilidade divina: o Mistério de Deus ultrapassa todas as tematizações.

— A necessidade da linguagem analógica: as palavras relacionadas a Deus são análogas. Através de um processo de afirmação, negação e excelência apresentam humildemente uma perspectiva que nos orienta para o Mistério Divino. Neste movimento de negar, afirmar e exceder, as palavras livremente apontam em direção a uma afirmação transcendental e desta forma se tornam mais verdadeiras. A analogia conduz o espírito humano da luz à obscuridade e desta à outra obscuridade mais lúcida.

— O imperativo de atribuir a Deus muitos nomes justamente porque nenhum nome, imagem ou conceito pode esgotar seu Mistério.

A linguagem ocidental sobre Deus é pobre, restritiva e excludente, pois absolutiza os termos masculinos com a quase total exclusão dos termos femininos e cósmicos. Mesmo esta designação masculina é presa dos diversos modos de relacionamento patriarcal de nossa sociedade.

Estas considerações abrem caminho para um legítimo retorno à metáfora maternal, cuja exclusão definitiva foi feita por Tomás de Aquino, tendo por base uma equivocada biologia da natureza feminina, inerte e passiva.

A Bíblia emprega com naturalidade metáforas sobre a gravidez, amamentação e outros cuidados maternos para expressar a relação de Deus Criador com o mundo (cf. Is 42,14; 46,3-4; 49,15; 66,12-13; Os. 11,3-4). Em At 17,28 encontramos uma analogia da vida intra-uterina aplicada a Deus.

A metáfora materna enfatiza a origem, a proximidade e a meta. Da Fonte maternal viemos, por ela somos nutridos; ela pronuncia sobre cada um(a) a última palavra de vida nova. Face à contingência e ao caráter de dom de nossa existência, uma possibilidade de expressar nossa relação com Deus é a analogia paterna e materna, porque todos os seres humanos devem sua existência a um homem e a uma mulher, que já existiam antes dele e cujo relacionamento perdura por toda a vida. Caracterizar a atitude de Deus como paternal e maternal é, antes, uma afirmação da experiência que fazemos face ao milagre da existência, e não uma definição ontológica. Não é possível estabelecer nenhuma correspondência de igualdade entre a maternidade humana e a de Deus Pai e Mãe.

Elisabeth Johnson menciona outras riquezas da analogia materna além das já consideradas por Sallie McFague: o amor gratuito, a firme proteção, a compaixão, o perdão, a coragem, a disponibilidade para servir

e a solicitude com os mais frágeis e indefesos⁷. Estes comportamentos evocam experiências de ternura e de amor fiel que nos envolvem e acompanham por toda a vida. Esta autora alerta sobre o significado do ideal romântico da maternidade. A exaltação deste papel da mulher funciona como o contrário da exploração, é uma tentativa de restituir à mulher como mãe aquilo que lhe foi subtraído como ser humano: a dignidade, a autonomia, a livre escolha de seu próprio modo de vida e a oportunidade de participar da constituição pública da sociedade⁸.

Ter um corpo criado para gerar e alimentar uma nova vida, desde o seu início, molda a subjetividade da mulher. Esta experiência é poderosa mesmo para quem não gera biologicamente. É todo este potencial de beleza e força que alicerça a analogia Deus Mãe, embora não nos deixe esquecer que tem os mesmos riscos da metáfora paternal: há tanto mães quanto pais inadequados. Na linguagem religiosa Deus como Pai ou como Mãe pode ser apresentado de forma a perpetuar imaturidade, dependência e irresponsabilidade face aos desafios do mundo e da história.

Superando os riscos e limites, ao designarmos o Mistério Absoluto com a analogia materna celebramos a ação divina de gerar, sustentar e estimular o crescimento dos seres criados.

“Ela gerou livremente todas as criaturas, sem pensar em qualquer recompensa, ama-as com exclusividade, proferindo alegremente as palavras fundamentais da afirmação: ‘É bom que existas!’ O seu amor criador e maternal é a matriz geradora do universo, da matéria e do espírito encarnado, por igual [...] Todas as criaturas são irmãs, do mesmo ventre, a progênie de uma só e a mesma Mãe do universo, que habita no brilho da escuridão. Nela, como outrora, literalmente, em nossa própria mãe, vivemos, nos movemos, e somos, realmente, sua prole (At 17,28)”⁹.

Mãe amável e justa, que assegura um amor de predileção aos fracos, é a Fonte maternal e compassiva do universo, sua origem e meta. A morte é concebida como um novo nascimento e a metáfora da vida intra-uterina eloqüentemente expressa toda existência humana.

Implicações éticas

Sallie McFague e Elisabeth Johnson frisam que a imagem Deus Mãe aponta para um relacionamento intrínseco entre Deus e o mundo.

⁷ E. JOHNSON, *Op. cit.*, p. 256.

⁸ *Idem*, *Ibidem*, p. 257.

⁹ *Idem*, *Ibidem*, p. 261.

Trata-se de um relacionamento permanente de amor. O ser mãe, e jamais deixar de sê-lo, é uma dimensão essencial desta imagem.

Livre dos estereótipos românticos a analogia Deus Mãe tem amplas implicações:

*"A preservação dos recursos naturais e das espécies ameaçadas, a correta reordenação das relações econômicas, a redistribuição equitativa de todos os bens e o banimento de tudo quanto prejudica e polui a criação, tudo isso são atividades humanas que tornam presente o amor maternal da Sabedoria que se preocupa com todas as criaturas"*¹⁰.

Carol Gilligan propõe uma nova postura ética, amplamente valorizada por nossas autoras, a *ética da preocupação*, na qual a maturidade moral se manifesta justamente no responsabilizar-se face às necessidades dos outros seres.

Nenhum resquício de uma moral individualista. O agente moral é convocado a estabelecer ampla rede de relacionamentos, assumindo comportamentos de preocupação, responsabilidade e cuidado.

*"A ênfase dada ao inter-relacionamento de todas as criaturas, umas com as outras, fornece um contexto para uma atenção responsável às necessidades dos outros, inclusive, portanto, e principalmente, daqueles que estão mais desprovidos"*¹¹

O modelo maternal tem um projeto moral exigente. Deus como Mãe é uma linguagem perigosa, porque a maternidade realiza um longo percurso: *do ventre materno à compaixão, da compaixão à paixão pela justiça*. O convite para aqueles(as) que nasceram de Deus é assumir este projeto moral.

Sallie McFague amplia a ética da justiça da Teologia da libertação por causa de sua atenção às questões ecológicas e nucleares. Ela comenta que a ética da justiça de algumas teologias da libertação tinha presente o estabelecimento de uma ordem sócio-política-econômica justa, exigência do Evangelho. Mas este direito à existência e os meios necessários para uma vida digna foram apontados de modo limitado, e pouca atenção foi dada em relação aos outros seres. E num nível mais profundo nem se considerou o direito à vida das gerações futuras de todas as espécies e o poder que temos de acabar com todos os nascimentos, de provocar nossa extinção e a de outros seres. Ou seja, em muitas teologias da libertação o problema da justiça permaneceu desligado das questões ecológicas e nuclear; foi abordado apenas como

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p. 267. Deus Sabedoria/Sophia é a analogia central de Elisabeth Johnson.

¹¹ E. JOHNSON, *Op. cit.*, p. 268.

um problema humano, histórico e econômico. Não é possível separar história e natureza; a libertação das estruturas opressoras implica o cuidado com o mundo que fornece os bens a serem partilhados com justiça.

A ética da justiça no mundo holístico e nuclear é a ética da atenção, pois o poder outrora atribuído à natureza está agora em mãos humanas, todos os demais seres dependem de nossa justiça e nosso zelo. Cresce com essas considerações a relevância do modelo pai/mãe como inspirador de um comportamento humano capaz de realizar a justiça através da ética da atenção.

Sallie McFague reafirma: precisamos ser pais e mães para o nosso mundo, cuja vontade é de que todos possam existir, e experimentar a renovação da vida que o nascimento sempre traz. Não há apenas a primeira morte, nossa morte individual, há a possibilidade de uma segunda morte, a morte da vida, a extinção, e ninguém mais nascerá ou morrerá, e seremos os responsáveis. A tomada de consciência necessária é reconhecer que o mais aterrador não é o nosso fim individual, é a extinção da vida¹².

A autora adota o termo "paternidade universal" para esta postura ética de atenção e compromisso com todos os seres. É a universalização de nossos mais básicos amores para além de nossa espécie. Já que somos a consciência da criação não podemos limitar a paternidade universal à espécie humana. Faz-se necessário organizar o governo do cosmo para que o nascimento e o crescimento de todas as espécies aconteçam de modo ecologicamente equilibrado. Se todos se comportassem como mães e pais do mundo mudanças significativas poderiam ocorrer em relação ao uso do tempo, do dinheiro e do voto¹³. Esta universalização do amor abrange a atenção ao nascimento, ao sustento e ao bem-estar dos fracos, vulneráveis e das gerações futuras.

Todas as pessoas que ajudam e sustentam as gerações do presente e do futuro através de suas atividades são pais e mães universais.

Implicações para a dignidade plena da mulher

A analogia materna sem negar a força da linguagem paternal, solidamente apoiada no Novo Testamento, faz ressurgir o potencial da linguagem maternal, também presente nas Escrituras como já vimos.

¹² Cf. S. McFAGUE, *Modelos de Deus ...*, Op. cit., p. 170.

¹³ Idem, *Ibidem*, p. 171.

Se em outros contextos históricos este potencial pode ser sufocado, no nosso contexto sua atualidade está sobretudo pela afirmação da dignidade plena da mulher. Esta afirmação exige todo um processo anterior de resgate desta dignidade através de uma dinâmica e fecunda experiência de conversão.

A rejeição do sexismo presente nas estruturas herdadas da identidade feminina exige mudança radical de direção, de mente e de coração, para que as mulheres despertem para seu próprio valor humano. Este despertar é vivenciado como profunda experiência de Deus.

*"A mulher reivindica um domínio total de sua identidade como Imago Dei e Imago Christi"*¹⁴

Em razão da concepção negativa da humanidade da mulher, sob o domínio do Patriarcado, a meta é seu crescimento como sujeito atuante na história e o caminho é um processo de conversão da depreciação de si mesma, secularmente introjetada, para a afirmação que brota de seu próprio íntimo, de seu valor. A mulher se descobre e renasce como dom em sua comunidade. Este renascimento está dentro da dialética do contraste e da confirmação.

A contradição é patente entre o sofrimento causado pelo sexismo, que desumaniza, e a própria dignidade da mulher. Face esta contradição emerge a indignação, e desta indignação surge a energia para resistir a opressão e lutar de forma permanente pela plena promoção da mulher. Esta experiência é fecunda tanto em termos teóricos quanto comportamentais, na teoria e na ação as mulheres buscam novas formas de vida segundo sua dignidade inalienável.

No seio desta experiência de indignação abre-se o caminho para a compreensão do valor profundo do ser mulher e vive-se a confirmação. As mulheres recolhem a memória perdida de sua história de resistência. Mesmo excluídas e subordinadas houve mulheres que marcaram presença, foram criativas, realizaram todo bem possível. A própria tradição cristã, mesmo contaminada pelo sexismo, foi fonte de vida para muitas mulheres. Os relatos recolhidos trazem à tona a coragem, a força, a liderança da mulher. É um momento de superação da visão redutora. As mulheres não são pessoas pela metade, assumem convictas a igualdade, a reciprocidade, o respeito às diferenças, a certeza de que tanto os homens quanto as mulheres são sujeitos autênticos da história.

O principal fruto da conversão é uma confiança profunda de que *a Fonte de todas as bênçãos cumulou com suas graças o ser mulher,*

¹⁴ E. JOHNSON, *Op. cit.*, p. 99.

e que a situação atual de discriminação não é definitiva, há uma promessa de libertação e de plenitude.

Esta experiência de conversão não tem a conotação tradicional de renúncia e auto-despojamento para acolher a graça. A mulher vive em situação permanente de esvaziamento de sua dignidade em diversos níveis. Nos sistemas patriarcais ela está alienada de seu verdadeiro eu, não se valoriza, não conhece sua real identidade e torna-se excessivamente dependente do reconhecimento alheio, que nem sempre lhe é dado.

A concepção feminista da conversão é de que a graça de Deus convoca a mulher não para negar-se a si mesma, mas para afirmar sua dignidade. Autoriza-a a descobrir seus dons, sua força, seu valor, responsabiliza-a face à vida, à natureza e à história. A conversão é contínua. Será necessário sempre afastar-se do aviltamento da identidade feminina em direção da própria identidade como dom.

"Este é um acontecimento religioso de grande alcance, o nascimento de identidades suprimidas" ¹⁵

O desabrochamento do próprio eu é experiência de Deus. A perda da identidade pessoal acarreta a perda da experiência de Deus. Deus Pai e Mãe está diretamente implicado na experiência de renascimento da mulher. Ela desperta e, consciente de sua dignidade, oferece analogias a partir de sua experiência materna, que permitem vislumbrar o Mistério de Deus sempre maior.

Pai... Mãe... os nomes de nossa nostalgia

"Quero confessar, meu Deus, que por vezes o que eu desejo não é um rosto de Pai, é um corpo de Mãe... Que nomes moram em seu Mistério sem fim? O desejo pulsa dentro de mim... Pai... Mãe... Pai... Mãe... E se te chamo pelo nome de Pai e pelo nome de Mãe é porque estes são os nomes da minha nostalgia, no bater binário do desejo... É assim que sinto tua falta. É este o contorno da tua ausência. É esta a face que teu Mistério ganhou dentro de mim. Esta Mãe que sonhamos tem que ser bela e terna como a Pietá, e o seu colo tem que ser do tamanho do universo inteiro. Nele se deita o próprio Filho de Deus. Ó Deus, a nossa nostalgia só será satisfeita se esta Mãe viver em Ti. Assim, quando no fundo de nossa tristeza gritarmos: 'Ó Mãe, estou perdido', ouviremos uma resposta maternal: 'Meu filho, estou aqui' " ¹⁶

¹⁵ E. JOHNSON, *Op. cit.* p. 102.

¹⁶ R. ALVES *Pai Nosso: Meditações*. S. Paulo: Paulus, 1987, pp. 18-22. Grifos nossos.

Com este belo poema de Rubem Alves, que inspirou o título deste artigo, esboçamos uma conclusão. Pretende ser um convite à abertura para novas e numerosas analogias, imagens, metáforas para o Mistério divino, em espírito de fé e adoração, pois as diversas denominações, masculinas, femininas e cósmicas, podem entoar juntas uma sinfonia de louvor reverente ao Mistério de Deus sempre maior. A beleza da sinfonia não ofusca a igual beleza de um silêncio reverente a proclamar Deus está além... Deus é maior...

Fascinados(as), atraídos(as) e reverentes, buscamos tua face, Senhor. A linguagem maternal não quer aprisioná-lo. É oferta humilde da mais bela experiência da mulher, portanto, digna de Ti que nos criaste, nos sustenta e nos conduz à plenitude. Não a oferecemos de forma sentimental, estereotipada, oferecemos a analogia materna nas suas dimensões mais sólidas. Não há espaço para comportamentos infantis, mas para a consciência madura de sua responsabilidade de cooperar com o desígnio transformador de Deus para a Salvação do mundo. Todas as criaturas existem num relacionamento de afinidade recíproca umas com as outras e com Deus, cujo amor maternal e paternal, se compraz na criação; cuja paixão é a de levar à plenitude de vida, na justiça, paz e harmonia universal.

Catherine Chalié¹⁷ descreve a metáfora como um *espaço subvertido* na linguagem, que sobrevive ao exílio da questão: "O que é?"¹⁸. As metáforas vão além das definições e, por isso, subvertem. A metáfora materna é, particularmente, significativa pelo que ela denominou a *ética das entranhas*.

Para esta autora, o dizer feminino tem um *excesso*, uma *transcendência*, porque o corpo da maternidade, testemunha no silêncio e no gemido, uma interpretação *mais original* que a utopia ética. O feminino dispõe de um saber antes de todo o tempo, *a essência vivida no corpo são reservas de palavras que poderiam ser ditas*¹⁹. Há um saber original inscrito no corpo materno da mulher, *a ética das entranhas*. Talvez, seja exatamente por isso que a analogia Deus Mãe envolve, toca e evoca... É inegável, que livre dos estereótipos românticos, a linguagem maternal possui algo muito necessário para nosso mundo atual: uma grande densidade ética.

Deus Pai e Mãe são nomes adequados para a nossa nostalgia de Deus, responde com terna compaixão ao bater binário do coração

¹⁷ Cf. C. CHALIER, *Figures du féminin – Lecture d'Emmanuel Lévinas*. Paris: La nuit surveillée, 1982.

¹⁸ C. CHALIER, *Op. cit.*, p. 79.

¹⁹ Cf. *Idem*, *Ibidem*, pp. 123.103.

humano, sem que isso signifique escapismo e justifique omissões face aos grandes desafios que nos envolvem e de nós exigem nova sensibilidade ética face às questões ecológicas, nucleares, e à causa da mulher, sem negligenciar os desafios da libertação, em todos os níveis e âmbitos, apontados pela Teologia da libertação.

Terezinha das Neves Cota cursou a Pós-Graduação em Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte, tendo defendido sua Dissertação de Mestrado *É tua face que procuramos*: A contribuição da teologia feminista para a relevância do mistério trinitário na atualidade.

Terezinha das Neves Cota é religiosa da Congregação de Nossa Senhora do Cenáculo. Obteve o grau de mestrado em Teologia pela Faculdade de Teologia do Centro de Estudo Superior da Companhia de Jesus de Belo Horizonte - MG.

Endereço: Cenáculo.
Rua Nossa Senhora do Cenáculo, 240
Venda Nova
31615-270 *Belo Horizonte* — MG
Tel.: (031) 451-5022